

Jornal Informativo de História Antiga

ISSN 1519-6917



PHILÍA
Φιλια

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

ANO XII - ABRIL/MAIO/JUN - 2010 - Nº 34

NÚCLEO DE ESTUDOS DA ANTIGUIDADE



Sumário

La primera mujer filósofa ¿Indiciosen los diálogos de Platón?


Detalhe de *Teano*, "Grave stele of Athenokles", Agora Museum.

"(...) algunas mujeres se dedicaron a la filosofía desde los orígenes mismos de esta disciplina. La pitagórica Teano quizá fue la primera. La existencia de las mujeres filósofas fue reconocida en la antigüedad (...)"

Pág. 7

Epigrafia no feminino na Lusitânia romana

***R**emeto para a bibliografia referências que poderão ser ponto de partida para quem deseje aprofundar o tema. E, portanto, das muitas inscrições passíveis de exemplificar a «epigrafia no feminino» na Lusitânia romana, escolho, quase ao acaso, uma que considero deveras elucidativa.*



Pág. 6

A representação da mulher na narrativa da Bíblia Hebraica

***U**m dos temas mais expressivos dos Estudos Bíblicos tem sido a re-leitura das personagens femininas na narrativa bíblica. Nosso foco é a representação da mulher na narrativa da Bíblia Hebraica e sua relevância na história bíblica.*

Pág. 3

Conselho Editorial
Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa
UFRJ
Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima
UFF
Profª. Drª. Ana Lívia Bomfim Vieira
UEMA

Expediente

Coordenação e Direção
Profª. Drª. Maria Regina Candido

Coordenação de Publicações
Prof. Ms. José Roberto Paiva Gomes

Edição
Bacharel Carlos Eduardo Costa Campos

Edição Visual
Profª Mestranda Tricia Carnevale

Revisora de Periódico
Profª. Msª. Alessandra Serra Viegas



Editorial

Hetaírai: Cortesãs, Prostitutas e Amigas?

Prof. Dr Alexandre Carneiro Cerqueira Lima

O NEA/ UERJ há doze anos possui a tradição de divulgar os trabalhos de alunos, de professores e de pesquisadores em História Antiga no Brasil. Sou testemunha do esforço e do empenho do grupo em torno da Professora Doutora Maria Regina Candido. E a materialização de todo esse empenho é o Jornal ***Philía***. Essa publicação nasceu de um 'sonho' comum de todos nós em prol de estimular a divulgação das pesquisas, bem como de conquistar um maior número de leitores. A proposta do ***Philía*** buscava justamente alcançar alunos de universidades públicas e particulares. E fico muito contente em lembrar que tanto o ***Philía*** quanto a Revista Eletrônica ***Hélade*** 'nasceram' de um grupo muito unido e amigo que se reunia no apartamento dos meus pais no bairro da Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro. Parabéns ao NEA e longa vida ao nosso querido ***Philía***.

O tema que venho propor aqui versa a respeito da sexualidade e da prostituição. Em outras duas publicações do NEA, discuti alguns aspectos sobre sexualidade e a mulher grega de forma mais aprofundada (2006 e 2007). Irei explorar basicamente o papel desempenhado pela cortesã de luxo – *hetaira* – e sua relação com o grupo de homens, seus clientes. Para iniciar devo lembrar que existiam vários tipos de mulheres na documentação textual. As meninas, antes de se casarem, aparecem nas fontes como *koré* – jovem, donzela/virgem –; *nýmphe*, recém-casada; *gyné* – esposa, após o parto (LESSA, 2001, p. 61). Esses três termos estão relacionados ao casamento, à família, e à reprodução do corpo cívico nas *póleis*. Não posso deixar de mencionar o termo *pallaké*, concubina, ela estava geralmente vinculada a um homem abastado da *pólis*.

Para a prática da prostituição há outro conjunto de termos empregados pelos autores antigos. As prostitutas – *pornaí* – de Atenas podiam atuar tanto no porto – Pireu – quanto nos prostíbulos do *dêmos* do Cerâmico (SALLES, 1995, p. 15). As 'escravas sagradas' – *hiérodoules* – a serviço de Aphrodite, acolhiam os estrangeiros e comerciantes em seu santuário na Acrópole de Corinto (VANOYEKE, 1997, p. 37). E, por fim, a *hetaíra*, a cortesã de luxo, educada para atuar nos banquetes – *symposía*. Ela poderia ser uma escrava sob as ordens de um organizador de festas, algo comum em Atenas do IV século a. C., de acordo com o relato de Xenofonte em *O Banquete*. Há o célebre caso de uma cortesã estrangeira educada para entreter os convivas. Neera apontada no discurso de acusação de Demóstenes, intitulado *Contra Neera*, foi educada por Nicareta e tornou-se uma das mais conhecidas cortesãs da Hélade.

Há uma outra referência bastante interessante do período clássico na *pólis* de Atenas. Xenofonte em sua *Memorabilia*, promove o encontro entre o seu mestre e pensador Sócrates com a *hetaíra* Teódota. O velho sábio vai à casa da mulher onde era comum artesãos estarem lá admirando a sua beleza. Ela era uma espécie de 'modelo' para as representações dos pintores. Além da beleza e dos encantos do corpo de Teódota, Xenofonte, por meio das palavras de Sócrates, aconselha a cortesã a ´caçar´ amigos. Tal tarefa só será possível por meio do uso dos encantos não só de seu corpo, bem como de sua alma, aliado à astúcia e ardil (XENOFONTE. *Memoráveis*, 3, 11, 6-10). Pois bem, essa pequena passagem me fez refletir a respeito dos laços que são criados no *andrôn*, na sala de banquetes, entre cortesãs e os homens de Atenas. poderíamos pensar em laços de amizade e solidariedade entre cidadãos e prostitutas?

O termo *hetairos* vem de *hetairiké*, uma espécie de camaradagem guerreira. *Hetaíros* é o companheiro de guerra, o combatente nas fileiras da falange *hoplítica* (PIZZOLATO, 1993, p. 4). Uma outra variação do termo é *hetaireía* que significa grupo de amigos que comungam com os mesmos princípios políticos. Tais grupos se reuniam em banquetes para beber, conversar, confabular e praticar atos sexuais com as suas cortesãs – *hetaírai*. James Davidson compreende que Teódota exercia entre seus amigos/ clientes – *philoi* – uma espécie de 'troca de favores'. A *hetaira*, de acordo com Sócrates, deve oferecer 'favores' quando seus 'amigos' mais precisarem dela. Não só beijos, carícias e sexo, mas sinceridade e delicadeza também (DAVIDSON, 2007, p. 31).

Eu creio que as minhas 'desconfianças' sobre as prostitutas realmente procedam. É bastante provável que laços de amizade e de solidariedade fossem travados entre cidadãos e suas cortesãs. Havia muita coisa em jogo. Complôs políticos, riquezas, 'trocas de favores', segredos e carências. As belas mulheres que viviam e trabalhavam em Atenas eram requisitadas não só para entreterem os homens. Elas exerciam um papel destacado no momento em que os homens – cidadãos, *metecos* e estrangeiros – se reuniam e discutiam diversas questões da sociedade *políade*. **Ω**

Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima



Doutor em História Social pela UFRJ.
Professor Adjunto do Departamento de História da UFF.
Pesquisador do NEREIDA

Religião

A representação da mulher na narrativa da Bíblia Hebraica (parte I)

Cláudia Andréa Prata Ferreira

Resumo: Um dos temas mais expressivos dos Estudos Bíblicos tem sido a re-leitura das personagens femininas na narrativa bíblica. Nosso foco é a representação da mulher na narrativa da *Bíblia Hebraica* e sua relevância na história bíblica.

Palavras-chaves: Bíblia e mulher, Bíblia Hebraica, Narrativa bíblica.

O trecho de *Gênesis* que inclui seus três primeiros capítulos é um texto editado e ordenado pelos escribas liderados por Esdras no início do período do Segundo Templo, cerca de meio milênio antes da Era Comum. No período da formação do povo de Israel, não encontramos escritos contemporâneos. O período da formação do povo se caracteriza pelas tradições orais que vão surgindo entre os diversos grupos de norte a sul e pouco a pouco vão sendo escritos e organizados até tomarem a forma de um livro, a Bíblia, como veremos mais tarde, no pós-exílio. Alguns escritos na Bíblia falam sobre o período da formação do povo, os patriarcas e a experiência da escravidão no Egito. São escritos muito posteriores aos acontecimentos e a maior parte se baseia nas tradições orais, surgidas em épocas e lugares diferentes. No texto de *Gênesis*, os primeiros capítulos relatam as origens do mundo, da humanidade e do mal, mas não foram as primeiras páginas escritas da Bíblia, foram escritas muito depois no exílio da Babilônia. Embora não possamos encontrar um consenso, muitos especialistas admitem que boa parte dos textos considerados canônicos e inseridos na *Bíblia Hebraica* ou *Tanach* (1) tenham sido redigidos antes do cativeiro babilônico (586-536 a.e.c.), muito embora sua edição seja do Período do Segundo Templo. Observamos um longo e complexo processo de composição e transmissão das histórias e a tentativa de harmonizar ao longo do tempo as aparentes contradições e discrepâncias do que ficou conhecido como a narrativa bíblica. Nossas considerações estão, portanto, delimitadas ao aspecto literário do texto atual.

A crítica bíblica admite que a descrição da Criação possa ter sido escrita por autores diferentes, em lugares diferentes e também em épocas distintas. Para nosso artigo, tomamos como referência as narrativas sobre a criação da mulher. O texto de Gn 1 – 2,3 teria sido escrito no reino do Norte (Israel) e o restante do capítulo 2 e todo o capítulo 3 teria sido escrito no reino do Sul (Judá). O que serve de referência principal aos pesquisadores é a alteração de linguagem cuja mudança mais relevante é o nome de Deus. No primeiro trecho de Gn 1 - 2,3, o nome do Criador é "*Elohim*" (Deus em hebraico), que na tradicional edição e tradução judaica da *Torá. A Lei de Moisés* do Rabino Meir Matzliach Melamed é traduzido por "Deus". Não encontramos nenhum outro termo para o Criador: seu nome é "*Elohim*". No segundo trecho a partir de Gn 2,4, o nome do Criador se transforma em um novo termo: "*Adonai Elohim*", que a tradução de Matzliach denomina "Eterno Deus" e algumas traduções de Bíblias não judaicas denominam ora Senhor Deus, ora Javé Deus, ou mesmo outras maneiras e combinações. Temos, portanto, uma denominação do Criador composta por dois nomes . No trecho de Gn 3 somente em alguns versículos aparece de novo o nome "*Elohim*", mas em seguida reaparece novamente o termo composto pelos dois nomes. Os trechos com denominações diferentes para o Criador foram posteriormente juntados em um único texto sem retirar as diferenças (ou contradições). As diferenças em torno dos nomes do Criador também se refletem na narrativa sobre a criação da mulher.

A "primeira Criação da mulher" adota o tom de uma certa dose de igualdade entre o homem e sua companheira. Ambos são feitos juntos, a um só tempo, e de maneira que mesmo sendo diferentes, são complementares e de valor igual: "E disse Deus: 'Façamos o homem à nossa imagem segundo a nossa semelhança; e que domine sobre o peixe do mar e sobre a ave dos céus, e sobre o quadrúpede e em toda a terra, e em todo réptil que se arrasta sobre a terra!'. E criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea criou-os" (Gn 1,26-27) (TORÁ, 2001:3) Homem e mulher foram criados como um par após a criação de todas as outras criaturas terem surgido. A versão da primeira criação gera múltiplas interpretações. Surge na exegese judaica fundamentada na mística a idéia de que a mulher, mesmo criada em pé de igualdade, se rebelou contra o homem e o Criador. Essa mulher seria Lilith, um misto de mulher e demônio. Tal figura demonizada da mulher por intermédio de Lilith acaba com a figura da mulher livre, companheira e igual ao homem, preservando a sociedade tradicional e determinando o *status* feminino na sociedade.

A "segunda Criação da Mulher" relata: "E fez o Eterno Deus cair um sono pesado sobre o homem e (este) adormeceu; e tomou uma das suas costelas e fechou (com) carne o seu lugar. E fez o Eterno Deus (da) costela que tinha tomado do homem, uma mulher, e a trouxe ao homem. E disse ao homem: Esta vez é osso dos meus ossos e carne da minha carne; a esta será chamada mulher, porque do homem foi tomada esta" (Gn 2,21-23) (TORÁ, 2001:6-7). Nessa passagem, a mulher é criada da costela do homem. A interpretação tradicional direciona nossa forma de pensar a ordem da criação, refletindo uma visão de que mulher é inferior a seu par, só existe em relação a ele, criada a partir dele. Uma versão que dependendo do ponto de vista marca a submissão da mulher ao homem e legitima o patriarcado (2).

Em nossas breves considerações finais constatamos duas versões da criação da mulher. Uma concebe uma relação de relativa igualdade de valor e de direitos entre o homem e a mulher. A outra reordena a sociedade sob o patriarcalismo e a sujeição da mulher ao homem. A narrativa hebraica bíblica é resultante de uma sociedade patriarcal que existia no contexto do Antigo Israel. Por isso, encontramos muitas narrativas como reflexo desse contexto. O texto na sua versão atual foi transmitido principalmente pela versão masculina dos acontecimentos, numa perspectiva androcêntrica. Igualmente, a tradição interpretativa do texto bíblico, em especial no ambiente religioso e confessional tem sido feita durante um longo tempo nessa perspectiva patriarcal de dominação das mulheres. Não nos parece inocente que logo após a narrativa da criação da mulher nos deparemos com a narrativa em torno do denominado Pecado Original. Este não é um conceito judaico e não possui no Judaísmo um grau de importância igual tal como podemos observar no Cristianismo. Mas isso já é tema para um outro artigo.

(1) O conjunto formado pela *Bíblia Hebraica* (cânone judaico), também chamado de *Antigo Testamento* (cânone cristão).
(2) Gn 2,21-23: Homem e mulher, respectivamente *ish* e *ishá* diferenciando dos termos usados na passagem de Gn 1,27, *zachar* e *nekevá* (macho e fêmea, masculino e feminino).

Referências Bibliográficas

BÍBLIA, A. No princípio (Gênesis). Comentários de André Chouraqui. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

FELDMAN. Sérgio. *Mulheres da Bíblia (I).* IN: **Visão Judaica**. Curitiba: VJ. Junho de 2007: 3.

TORÁ. **A Lei de Moisés.** Edição revisada e ampliada da obra A Lei de Moisés (de Meir Matzliach Melamed) e as Haftarót. São Paulo: Sefer, 2001.

Profª. Drª. Cláudia Andréa Prata Ferreira

Professora Doutora do Setor de Língua e Literatura Hebraicas do Departamento de Letras Orientais e Eslavas da Faculdade de Letras da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) do Departamento de História da UFRJ

Entrevista

Profª. Ana María Vázquez Hoys analisa as práticas mágico-religiosas na Antiga Ibéria

Entrevista concedida ao Pesquisador Carlos Eduardo da Costa Campos – NEA/UERJ

Philía: Estimada Maestra Ana María Vázquez Hoys, ¿usted podría narrar, a los lectores del periodico Phília, un poco acerca de su trayectoria académica y su temática de investigación?

Vázquez: Mi trayectoria académica comenzó al terminar mis estudios de Licenciatura en la Universidad Complutense de Madrid, en 1969. En octubre de dicho año, al comenzar el Curso, me incorporé al Departamento de Filología Latina, en la Facultad de Filología. De allí pasé al Departamento de Historia Antigua, en la Facultad de Geografía e Historia y luego al Consejo Superior de Investigaciones Científicas, en el Instituto de Arqueología "Rodrigo Caro", mientras completaba mi Tesis Doctoral sobre "La religión romana en Hispania", que leí en octubre de 1975.

Al tiempo que lo compatibilizaba con el cuidado de mis hijos, seguí investigando y me incorporé a la Universidad Nacional de Educación a Distancia en 1980, donde aún continúo. La temática de mis investigaciones ha seguido varias líneas: La religión romana en Hispania, la serpiente y su culto en el mundo antiguo, la magia en el mundo antiguo, Alejandro Magno y el mundo helenístico y la escritura megalítica en la Península Ibérica.

Philía: ¿La señora podría narrar, para nosotros cómo era el culto de la diosa Diana en la religiosidad hispanorromana?

Vázquez: La diosa Diana es la divinidad femenina más importante del Panteón Hispanorromano. Al estudiar el culto a los dioses romanos en Hispania me encontré con la sorpresa de que la primera divinidad femenina de la que se conservaba más epigrafía era la diosa Diana, muy por encima de la dedicada a la Triada Capitolina o sus componentes femeninas, Juno y Minerva. La que hemos denominado "La Diana hispánica", posible romanización de una gran divinidad femenina prerromana, adorada de muchas formas por los pueblos prerromanos, cuyo culto no se puede demostrar más que por ligeros indicios arqueologicos. Su culto se extiende por la parte oriental de la Península, según los testimonios epigráficos y arqueológicos, complementando al de Júpiter. Las inscripciones dedicadas a esta diosa en Hispania son 45, distribuidas por provincias de la forma siguiente: Bética: 10 = 22 %, Tarraconense: 31 = 69 % e Lusitania : 4 = 88 %. Entre los más importantes lugares de culto a Diana en Hispania está Segobriga, en la provincia de Cuenca. Su *delubro* o *sacellum*, dedicado a esta diosa, que estudiamos en profundidad en nuestro libro *Diana en la religiosidad hispanorromana II* no tiene paralelo en el mundo romano.

El análisis de esta epigrafía y su comparación con las pruebas epigráficas del culto a Júpiter en Hispania demostraron tanto una "oposición" geográfica como una "complementación" del culto de ambos dioses, pues mientras la epigrafía dedicada a Júpiter se encuentra en la zona occidental de la Península Ibérica, teóricamente la menos romanizada en principio, la epigrafía de Diana aparece sobre todo en la zona centro oriental, la más romanizada, de lo que deduje que podía existir una divinidad femenina a la que denominé "Diana hispánica" (en realidad una divinidad femenina prerromana, tanto "ibérica" como próximo-oriental ,posiblemente relacionada con los bosques, la caza y la luna , que opuso "resistencia" a la implantación entre los indígenas de un culto a la suprema divinidad masculina del Panteón romano. Esta divinidad femenina prerromana sin nombre se sincretizaría tanto con Diana (en Segóbriga, provincia de Cuenca, España sobre todo, donde se conserva el único delubro dedicado a esta diosa en la Península Ibérica y Occidente), cómo con la diosa Juno (Ilici-Elche).

Philía: ¿Hay, por parte de las autoridades gubernamentales de España, inversión en las investigaciones respecto a la Antigüedad?

Vázquez: En España existen una serie de instituciones como el Consejo Superior de Investigaciones científicas en el que trabajan numerosos profesionales, tanto de la arqueología como de la filología clásica y oriental, así como el las diversas Universidades y en planes de investigación promovidos y financiados por el Ministerio de Educación, aunque en realidad, nunca hay tantos puestos de trabajo como serían necesarios para los jóvenes investigadores, que a veces tienen que abandonar sus esperanzas para buscar un puesto de trabajo mejor remunerado.

Philía: En los días actuales, ¿hubo, en la España, un retroceso en la práctica de las colecciones particulares de artefactos arqueológicos, como la que tenía las seis láminas de plomo saguntinas (defixiones), descubiertas en 1980?

Vázquez: Lamentablemente, la búsqueda de tesoros arqueológicos , sobre todo con detectores de metales es una práctica muy extendida, dada la afición de los coleccionistas a poseer objetos antiguos y a pagarlos a altos precios, con lo que se alienta dichas prácticas invasivas y destructivas de los yacimientos arqueológicos. El de todos conocidos que un objeto antiguo sacado de su contexto pierde su valor histórico pasando a la categoría de "objeto" anecdótico exhibible, aunque no sirve ya para una investigación seria de su contexto arqueológico-histórico. A veces, los dueños de los lugares donde se encuentran estas piezas arqueológicas no conocen su verdadero valor, que no es sólo crematístico, sino histórico. Unos no dan parte de los hallazgos para que no les expropien las tierras, otros como en el caso conocido de un plomo ibérico hallado en la zona oriental de España , en el Tossalet de Montmirà, en que el dueño del montículo comentó que en una de las primeras roturaciones profundas del altiplano se recogió, enrollada y del tamaño del cuerpo de un botellín, una inscripción ibérica sobre lámina de plomo, que fue vendida a un trapero; otros aseguran que sirvió en uma de las fábricas de azulejos ondenses, para la frita. Un investigador consiguió dar con la persona que la encontró. Éste, tras describirle el gran plomo laminado, repleto de signos, dijo que lo había fundido para la obtención del barniz de plomo, rogándole permanecer en el anonimato puesto que desconocía, en su momento, el valor científico de la pieza,y tal hecho había propiciado desavenencias en su propia familia.

Philía: ¿Hay, además de Sagunto, otras láminas de plomo (defixiones) en España?

Vázquez: Sí. El término *Defixio* viene del latín *defixio-is* que significa embrujamiento, necromancia; también del participio del verbo *defigo*, fijar, establecer, inmovilizar, atar, encantar, y en términos mágicos, pinchar la imagen de alguien con una aguja, encantar y embrujar .En griego este término mágico usado es κατάδεσμος *katadesmos*. En virtud de la *defixio*, las personas entregaban a los dioses infernales, mediante un acto mágico, a sus enemigos, para vengarse o librarse de

Entrevista

ellos o para obligarles a hacer algo u obtener algo de alguien (dinero, amor, favores, defensa), siempre a cambio de algo, que a veces es una ofrenda de dinero. El acto mágico consistía materialmente en la confección o utilización de unos trozos de metal aplanados, a fin de obtener una superficie plana en la que escribir. Se utilizaba sobre todo el plomo, metal mágico por excelencia, aunque también se utilizaron la plata, el oro, el cobre, el estaño, el barro y el mármol.

Las *tabellae defixionvm* que conocemos en Hispania romana y publiqué en conjunto por primera vez en 1985 eran 10 (11 si tenemos en cuenta la tabula execrationis de Emerita Augusta). Y son las siguientes: siete en las Ampurias, três em Corduba, una en Itálica, una em Mérida (Se trata en realidad de una *tabula execrationis,* ya que no es de plomo sino que está escrita en mármol). En mi opinión, también son defixiones los 3 plomos escritos en ibérico en alfabeto oriental, según Pltcher Valls, de Orleyl , (Orleyl V ,VI y VII componen una serie,) , asociados a una sola crátera de un enterramiento en la necrópolis de Orleyl con un platillo de balanza y varios ponderales. el plomo Orleyl VII es un magnífico ejemplo caligráfico y no puede datarse más allá del tránsito del IV al III a.C. La crátera o vasija está decorada con una grifomaquia (lucha entre un guerrero y un animal fantástico) y procede de la sepultura II de la necrópolis del yacimiento ibérico de Orleyl (la Vall d'Uixó). Se trata de una pieza de cerámica griega de figuras rojas del siglo IV a. C., una de las piezas más importantes del Museo Arqueológico de Burriana, Castellón, España. Después de esta publicación ya antigua (1985) se han encontrado otras defixiones en España, sobre todo las ocho de Sagunto, algunas de ellas publicadas posteriormente y otras en paradero desconocido, lamentablemente.

En las *tabellae* hispanas existen, una serie de características mágicas o ritos de magia usados en la Antigüedad y que han llegado hasta nuestros días, que no tienen nacionalidad, es decir: Son internacionales . Puesto que se creía que introduciendo la tablilla de imprecación en el sepulcro, el nigromante obligaba mágicamente, por medio de ritos (poder de la palabra escrita, fórmulas mágicas, ensalmos, repetición de palabras o salmodia, magia mimética, fijación por medio del clavo, transposición de letras o inversión de las mismas) a que el espíritu le obedeciese. Y por extensión, la fórmula se dirige a veces a determinadas divinidades ctónicas. El contraataque se hacía casi imposible, porque para ello había que buscar la tablilla maléfica en la tumba, desclavarla y destruirla, operación sumamente difícil, puesto que había que hacer trabajar a una bruja con ritos contrarios a los utilizados para realizar el encantamiento, que a veces eran personales y propios de la persona que los realizaba.

Es frecuente encontrar estos plomos mágicos en tumbas, por un rito de necromancia. Los necrománticos explotaban (y explotan, puesto que estos encantamientos se practican aún en muchos países de Europa África, América latina y Asia Menor) en su favor y en el de las personas que encargaban el "trabajo mágico" , la vieja creencia en los aparecidos, poniendo en funcionamiento la fuerza mágica que se atribuye a los fantasmas y la creencia de que, en cierto modo, los difuntos continuaban viviendo en la tumba de una forma latente que los brujos y brujas sabían explotar para sus fines mágicos. La idea más antigua acerca de la existencia de una vida después de la muerte es la de que, en cierto modo, el mismo cadáver no estaba desprovisto de una oscura sensibilidad, que no podía manifestarse. Estaba sumido en una especie de sueño, en el que continuaba manteniendo la energía que había tenido vivo.

Se han conservado diversos formularios mágicos de tiempos grecoegipcios que nos informan con claridad del ritual que se debía seguir en estos casos. Ante todo, el texto del maleficio, acompañado de los símbolos mágicos adecuados, se debía grabar en la noche en una lámina de plomo. Esa lámina se deberá depositar luego junto al cadáver de una persona que haya fallecido de muerte violenta o prematura y se invocará a una divinidad de carácter negativo, usualmente Seth. Se trata, pues, de un mecanismo mágico que debe permitir que un hombre pueda utilizar al espíritu de un muerto para someter o causar mal a otro hombre. Podemos ver un ejemplo en el *Papiro Mágico del Museo Británico*, que constituye un verdadero "manual del mago", debido a la variedad de prácticas que contiene:

"Genuina fórmula para silenciar y someter y de posesión. Toma plomo de una cañería de agua fría, haz una lámina y escribe con un estilo de bronce, como aparece después, y ponlo junto a un muerto prematuro: (siguen diversos signos y palabras mágicas)..., sujeta. (Luego, pon lo que desees)".

Philía: ¿Sería posible establecer una relación de las láminas de plomo de la Hispania con las atenienses?

Vázquez: Sí. Estos ritos mágicos maléficos, estaban inmersos en el contexto del pensamiento mágico - religioso helenístico, habrían de ser asimilados de las culturas griega y romana, en donde perduraron durante siglos. Esa es la explicación de que, a modo de ejemplo, en tiempos recientes se identificasen en Córdoba, procedentes de una zona de necrópolis romana, unas láminas de plomo que se habían depositado en el interior de un recipiente cerámico lleno de cenizas y huesecillos. Se trataba aparentemente de la urna de incineración de un niño, ejemplo claro de muerto prematuro, cómo hicieron los atenienses en la magía de los *katadesmos*.

Referências Bibliográficas

Calvo Martínez, José y Sánchez Romero, M. Dolores (1987): "Textos de magia en papiros griegos". Madrid.

David, R. (2003): "Religión y magia en el Antiguo Egipto". Barcelona.

Jámblico (1997): "Sobre los misterios egipcios". Edición de Enrique Ángel Ramos Jurado. Madrid.

Luck, G. (1995): "Arcana Mundi. Magia y ciencias ocultas en el mundo griego y romano". Madrid.

Vázquez Hoys, A.Mª: '.Aspectos mágicos de la antigüedad' II. "Los espejos mágicos",en *B.A. E. A. A.* 19, junio 1984, páginas 50-54.

Id.: 'Aspectos mágicos de la antigüedad II. Los espejos mágicos'. En *B A. E. A. A.* 20, diciembre 1984, págs. 50-54.

Id. : "La magia de las cuentas y de los colgantes de vidrio fenicios", en RUANO RUIZ, E.-PASTOR, P.-CASTELO RUANO, R.:*Joyas prerromanas de vidrio (*eds. científicas),Catálogo de la exposición organizada por la Real Fábrica de cristales de La Granja, Fundación Centro Nacional del vidrio y Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera, sin fecha visible ni ISNB. pp. 53-72.

Profª Drª Ana María Vázquez Hoys



Profesora Titular de Historia Antigua en el Departamento de Historia Antigua de la UNED

Miembro de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología

Member of International Council of Indoeuropean and Thracian Studies

Sociedade

Epigrafia no feminino na Lusitânia romana

José d'Encarnação

Resumo: Remeto para a bibliografia referências que poderão ser ponto de partida para quem deseje aprofundar o tema. E, portanto, das muitas inscrições passíveis de exemplificar a «epigrafia no feminino» na Lusitânia romana, escolho, quase ao acaso, uma que considero deveras elucidativa.

Reza assim um epitáfio da *civitas Igaeditanorum* (1)*:*

AVNIAE ARANTONI(*i*) / CELTIATICI F(*iliae*) LANC(*iensi)* OPPIDANAE / COCCEIA SILONIS F(*ilia*) AVITA / NAEVIA SILONIS F(*ilia*) CLARA MATRI / F(*aciendum)* C(*uraverunt)*

A Áunia, filha de Arantónio Celtiático, lanciense opidana – Coceia Avita, filha de Silão, Névia Clara, filha de Silão, mandaram fazer à mãe.

Como se sabe, a mulher era, no Império Romano, identificada com dois nomes: o gentilício (*nomen)*, que herdava do pai, e o cognome *(cognomen),* escolhido habitualmente de acordo com uma circunstância concreta ligada à família, elemento, portanto, identificativo da pessoa no seio familiar e social.

E o que vemos aqui?

A homenagem a uma mulher, destinada a ser colocada sobre a sua sepultura, ainda que, aparentemente, nada deixe transparecer um carácter funerário. E essa é a primeira reflexão a fazer. Trata-se de uma ambiguidade que interessa: Áunia, afinal, com o seu nome assim bem patente em lugar público, permanece no mundo dos vivos!

E não terá sido, na verdade, uma dama qualquer, pois há dois aspectos excepcionais: o pai vem identificado por dois nomes, quando o habitual é referi-lo apenas com um, o *praenomen* (assaz vulgar, como é o caso dos nossos primeiros nomes), e em sigla, quando a aculturação se encontra em estado avançado; ou com o nome indígena, nos primórdios dessa aculturação. No caso vertente, as filhas seguem esse esquema identificativo indígena: «de Silão»; mas do pai se aponta o nome de família – *Arantonius* – e o *cognomen, Celtiaticus* (3). No entanto, para além disso, está expressa a sua naturalidade, como que para dizer «Áunia não nasceu aqui, aqui se radicou e notabilizou!». As gentes de *Lancia Oppidana,* sua terra natal, mantiveram, de facto, relações privilegiadas com a população da *civitas Igaeditanorum,* a darmos crédito à circunstância de outras personagens terem querido deixar exarada essa sua naturalidade em epígrafes. Em suma, logo a forma como vem identificada se revela do maior interesse.

Atente-se, por outro lado, que o monumento é mandado erigir pelas duas filhas. Áunia, pertencente a uma família importante de *Lancia Oppidana,* a referida *gens Arantonia,* casou, pois, com um membro da elite local, decerto protegido («cliente», diríamos, para usarmos uma linguagem mais 'técnica') de duas famílias notáveis, que tinham, mui provavelmente, participado na 'criação' da *civitas:* a *Cocceia* e a *Naevia.* Estes dois gentilícios identificam, na verdade, famílias de renome na Lusitânia; e o que é, neste caso, assaz estranho à primeira vista, é que, filhas do mesmo pai, Avita e Clara hajam recebido gentilícios diversos – como que a mostrar o estreito relacionamento do pai com essas duas famílias influentes.

Por consequência, singelas quatro linhas detêm um significado invulgar. Para os historiadores que os analisam, mas também – e principalmente – para a população de então, porque pais e filhos, mães e filhas, se passeariam por entre epígrafes e curiosidade não lhes faltaria: «Mãe, pai, que diz aqui? Quem foram estas pessoas? E porque lhes escreveram aqui os seus nomes?»... Uma lição de vida, instantâneos de um quotidiano, em que o feminino, não podendo oficialmente 'falar' na *respublica,* sabia muito bem 'falar'... em público, através de uma mensagem duradoura. Mais duradouras, aliás, que os discursos dos políticos!...

(1) Este texto integra-se no projecto de investigação do grupo Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages, do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade I&D nº 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

(2) SÁ (Ana Marques de), *Civitas Igaeditanorum: Os Deuses e os Homens*, Idanha-a-Nova, 2007, p. 94-95, inscrição nº 119; DIAS (Maria Manuela Alves), «Da latinização onomástica à romanização onomástica no processo de aculturação dos *Igaeditani*», *Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenario Oblatae* (quas edidit José L. MELENA), Vitória, 1985, p. 560-561.

(3) Afasto-me, aqui, da interpretação que tem sido sugerida: a de que *Celtiacus* seria o nome do avô. Na verdade, *Arantonius* é considerado comummente um nome único, com funções de *cognomen.*

Referências Bibliográficas

Algumas menções, susceptíveis de deixar perceber quanto o tema vem despertando, nas últimas quatro décadas, a atenção dos investigadores:

ALBERTOS (M. de Lourdes), «La mujer hispanorromana atraves de la epigrafia», *Revista de la Universidad Complutense,* vol. XXVI, nº 109, 1977, 179-198.

DEL HOYO (Javier), «El sacerdocio femenino, medio de integración de la mujer en las estructuras municipales de gobierno», *Epigrafía y Sociedad en Hispania durante el Alto Imperio: Estructuras y Relaciones Sociales* (ed. de S. ARMANI, B. HURLET-MARTINEAU e A. U. STYLOW), Alcalá, 2003,

ENCARNAÇÃO (José d'), «Mães e filhos passeando por entre epígrafes», in Mª Carmen SEVILLANO SAN JOSÉ *et alii* (edits.), *El Conocimiento del Pasado. Una Hierramienta para la Igualdad,* Salamanca, 2005, 101-113.

FERNANDES (Luís), «A presença da mulher na epigrafia do *conventus Scallabitanus»,* Portugalia 19-20 1998-1999 129-228.

MELCHOR GIL (Enrique), «Mujer y honores pÚblicos en las ciudades de la Bética», in BERRENDONER (Clara), CÉBEILLAC-GERVASONI (Mireille) et LAMOINE (Laurent) [dir.], *Le Quotidien Municipal dans l'Occident Romain,* Presses Universitaires Blaise-Pascal, Clermont-Ferrand, 2008, 443-457.

SÁ (Ana Marques de), «Mulheres da *civitas Igaeditanorum», Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia* (Actas das 2as Jornadas de Património da Beira Interior), Guarda, 2005, 207-213.

Prof. Dr. José Manuel Santos Encarnação



Professor catedrático aposentado do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra

Membro da Association Internationale d'Épigraphie Grecque et Latine

Gênero

La primera mujer filósofa ¿Indiciosen los diálogos de Platón?

Víctor Hugo Méndez Aguirre

Resumen: El propósito del presente texto es hacer hincapié en que algunas mujeres se dedicaron a la filosofía desde los orígenes mismos de esta disciplina. La pitagórica Teano quizá fue la primera. La existencia de las mujeres filósofas fue reconocida en la antigüedad. Platón mismo ofrece indicios de ideas filosóficas generadas por mujeres sabias o protofilósofas, particularmente Safo, que influyeron en sus propias teorías.

Palabras clave: mujer, filósofa, género, Teano, Safo, Platón

La maternidad y el cuidado de la casa fueron algunas de las funciones de las mujeres en la antigüedad. Su lugar privilegiado fue el *oikos*; pero algunas de ellas también se dedicaron a la filosofía y a otras actividades. La "invisibilidad" de las mujeres destacadas ha sido uno de los temas privilegiados de los estudios de género. ¿Por qué suelen ser excluidas las mujeres de las historias de la filosofía antigua? Umberto Eco responde que "no es que no hayan existido mujeres que filosofaran. Es que los filósofos han preferido olvidarlas, quizá después de haberse apropiado de sus ideas". Las 65 filósofas antiguas rescatadas por Gilles Ménage en su *Historia de las mujeres filósofas* sugieren la necesidad de reescribir la historia de la participación de las mujeres en la edificación de la filosofía antigua.

Una reescritura de la historia de la filosofía que incluya a las mujeres exige determinar quién fue la primera. El propósito de la presente nota es responder a esta interrogante. Postulo que las mujeres estuvieron presentes en la filosofía desde los inicios mismos de la disciplina, en la frontera del sabio, el poeta y el grupo filosófico-religioso. Tales, Jenófanes y Pitágoras se encuentran en situación semejante y sí son considerados filósofos. Hago hincapié en que la existencia de las mujeres filósofas fue reconocida en la antigüedad. Platón mismo ofrece indicios de ideas filosóficas generadas por mujeres sabias o protofilósofas cuya influencia en los diálogos es evidente. Somos nosotros quienes optamos por olvidarlas.

¿Quién fue la primera filósofa? Teano, esposa de Pitágoras, suele ser considerada como tal. Los diversos textos que le han sido atribuidos, procedan o no de época arcaica, no pueden ser soslayados; pero incluso si Teano no fuera directamente su autora, seguiría siendo una filósofa pitagórica.

***Sapho.* Museo Archeologico Nazionale (Naples)**

Otra candidata al título de la primera sabia-filósofa de Occidente, a diferencia de Teano, sí puede jactarse de que la cantidad de su obra preservada es significativa y su influencia en Platón evidente, aunque es más reconocida como poetisa que como filósofa. ¿Quién? Safo.

El Sócrates platónico menciona a Safo entre sus preceptoras (Pl. *Phdr* 235 c). Aristóteles, a pesar de su pensamiento patriarcal, admite que Safo fue honrada como sabia por los mitilenos (Arist. *Ret* 1398 b 13-14).

Máximo de Tyro plantea que Diótima es una máscara de Safo y que pasajes importantes de la erosofía platónica coinciden con fragmentos de Safo: "Pero el [amor] de la Lesbia –si hay que comparar lo más antiguo con lo más reciente–, ¿Qué podría ser sino lo mismo que el arte amatoria de Sócrates? [...] Dice Diótima a Sócrates que el amor no es un niño, sino un <<acompañante y servidor de Afrodita>> [Pl. *Smp.* 203 e]; y también dice Afrodita en un canto de Safo: <<Mi servidor amor y tú>> [fr. 159]. O dice que el amor florece con la prosperidad y muere con la escasez. Eso mismo captó ella y lo llamó <<agridulce y dador de dolores>> (fr. 132]. Al amor Sócrates lo llama *sofista*; Safo *urdidor de palabras* [203 d y Safo, fr. 188] [...] Él se enoja con Jantipa cuando se lamenta por su muerte y ella, con su hija: *No debe †en casa† de ciervas de las Musas durar el duelo; para nosotras eso no es correcto* (fr. 150)" (Max. Tyr. XVIII, 9). Más recientemente, Aurora Luque, citando a Du Bois, hace hincapié en el aire filosófico de algunas líneas escritas por Safo.

Sucintamente, las mujeres han estado presentes en la filosofía desde época arcaica, antes de que fuera acuñado el término "filosofía" y en pleno tránsito de la oralidad a la escritura. Platón y Máximo de Tyro "hicieron eco" de la influencia de la erosofía de Safo en los diálogos de Platón. Y una labor pendiente es reintegrar a las mujeres en la historia de la filosofía antigua en particular y a la historia en general.

Referências Bibliográficas

Aristóteles, *Retórica.* México, UNAM, 2002.

Eco, Umberto. "Filosofare al femminile". *La bustina di Minerva, L'espresso.* Disponible en internet: <http://www.universitadelledonne.it/filosofare.htm>. Fecha de consulta: 8 de enero de 2010.

Gutiérrez, Mercedes, Montserrat Jufresa, Cristina Mier y Félix Pardo. "Teano de Crotona". *Enrahonar*, vol. 26, 1996, pp. 95-108. Disponible en internet: <http://www.raco.cat/index.php/Enrahonar/article/view/31859/91095>. Fecha de consulta: 8 de enero de 2010.

Luque, Aurora (ed.). *Safo. Poemas y testimonios*. Barcelona: Acantilado, 2004.

Máximo de Tiro. *Disertaciones filosóficas*. Madrid: Gredos, 2005.

Ménage, Gilles. *Historia de las mujeres filósofas.* Barcelona: Herder, 2009.

Pitagorici. *Testimonianze e Frammenti*. Firenze: La Nuova Italia, 1964.

Platón. *El banquete, Ion.* México: UNAM, 1944.

Platón. *Hipias mayor, Fedro.* México: UNAM, 1945.

Théano, Périctioné, Phintys, Mélissa et Myia. *Femmes pythagoriciennes. Fragments et Lettres*. Paris: L'artisan du libre, 1932.

Waithe, Mary Ellen. *A History of Women Philosophers.* Netherlands: Klwer, 1992.

Prof. Dr. Víctor Hugo Méndez Aguirre

Doutor em Filosofia pela Universidad Nacional Autónoma de México

Pesquisador e Professor na Universidad Nacional Autónoma de México

Eventos & Cursos

EVENTOS 2010 - 1º Semestre



OFICINA DE HISTÓRIA ANTIGA 2010 - 1º Semestre



CURSOS DE EXTENSÃO 2010 - 1º Semestre





CURSO DE IDIOMAS 2010







*Confira o restante da programação no site do NEA: **www.nea.uerj.br**. - Programação sujeita à alterações.*

Normas de Publicação: - 800 palavras ou 5000 caracteres com espaço; - Biografia resumida do autor; - Resumo (35 palavras ou 230 caracteres com espaço) e 3 palavras-chave; - 2 Imagens com referência; - 1 Foto do autor de rosto; - Fonte: Tahoma 9, espaçamento entre linhas simples; - Bibliografia.



NÚCLEO DE ESTUDOS DA ANTIGUIDADE
Rua S. Francisco Xavier, 524, Maracanã – RJ
Prédio João Lyra Filho, bloco A, sala 9030
Tel. (21) 2334-0227 - Fax (21) 2284-0547





PHILÍA - ISSN 1519-6917

 www.nea.uerj.br  nea.uerj@gmail.com

Apoio e Impressão